

A POLIVALÊNCIA DAS ELITES NO VALE DO JEQUITINHONHA (MG): a trajetória de Murilo Badaró¹

Albér Carlos Alves Santos²
Laurindo Mékie Pereira³

Artigo recebido em: 05/04/2024
Artigo aceito em: 27/10/2024

RESUMO:

A trajetória de Murilo Paulino Badaró é típica de filhos de elite, sobretudo relacionada à multinotabilidade, como apontada em Grill (2020). Ele é de família com tradição na política e percorreu um caminho que, em certa medida, estava estruturado a partir da tradição dos seus antecessores, sendo ele um herdeiro de um sobrenome que já operava como um sistema de diferenciação, com um legado que se reafirmou por meio dele. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de Murilo Badaró em sua polivalência (Dulci, 1999). A partir da sua trajetória é possível perceber sua constante presença no campo (Bourdieu, 1983) da política mineira e nacional, sempre carregando o discurso regionalista (Castro, 2021) do Vale do Jequitinhonha. O artigo se organiza tanto na pesquisa bibliográfica como na análise documental.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Badaró; Vale do Jequitinhonha; Elites.

THE POLIVALENCE OF ELITES IN THE JEQUITINHONHA VALLEY
(MG):
the trajectory of Murilo Badaró

ABSTRACT:

The trajectory of Murilo Paulino Badaró is typical of elite children, especially related to multinotability, as pointed out in Grill (2020). He comes from a family with a

¹ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no V Seminário Nacional de Pesquisa em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Registro agradecimento aos membros do Grupo de Trabalho pelas indicações de leitura e aprofundamento teórico, realizadas ao longo da apresentação do texto.

² Assistente Social. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Minas Gerais, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1053295173612856>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4085-6642>. E-mail: alber.carlos@ufvjm.edu.br.

³ Doutor em História pela USP. Professor do PPGH e PPGDS, ambos na Unimontes. Bolsista BIPDT/FAPEMIG. Coordenador do Projeto: “O papel dos intelectuais: teoria e engajamento em Darcy Ribeiro, Afonso Arinos e Oscar Dias Corrêa” (APQ-03136-22/FAPEMIG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0686454547632127>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1318-1798>. E-mail: mekie1@hotmail.com.

tradition in politics and has followed a path that, to a certain extent, was structured based on the tradition of his predecessors, being heir to a surname that already operated as a system of differentiation, with a legacy that has reaffirmed itself through him. In this sense, this article analyzes the trajectory of Murilo Badaró in his versatility (Dulci, 1999). From his trajectory it is possible to see his constant presence in the field (Bourdieu, 1983) of Minas Gerais and national politics, always carrying the regionalist (Castro, 2021) discourse of the Jequitinhonha Valley. The article is organized both in bibliographic research and in documentary analysis.

KEYWORDS: Murilo Badaró; Jequitinhonha Valley; Elites.

1. Introdução

A polivalência das elites em Minas Gerais é um tema presente em diversas análises da chamada “questão regional”, sobretudo porque no estado, o projeto modernizador ao longo do século XX, com destaque à primeira metade, como apontou Dulci (1999), esteve pautado por um conjunto de personalidades heterogêneas, que tinham interesses tanto divergentes, como também comuns, a depender da situação. Esses agentes, no entanto, apostavam na possibilidade de conciliação entre os grupos, tendo em vista um ideário de mineiridade⁴. Evidentemente, em última instância, a manutenção do poder ou o aumento dele era um dos elementos facilitadores dessa coalização de elites.

Neste trabalho, o conceito de elite se refere aos agentes dominantes em cada campo. O principal indicador de dominação é o acúmulo de poder simbólico, sendo que, dessa maneira, esses agentes se colocam como porta-vozes (Bourdieu, 1990) de determinados grupos, sobretudo a partir da ideia de região. Assim, o conceito de elite está ligado a poder. Para Bobbio (1998),

em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Uma vez que, entre todas as formas de poder (entre aquelas que, socialmente ou estrategicamente, são mais importantes estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político), a teoria das Elites nasceu e se desenvolveu por uma especial relação com o estudo das Elites políticas, ela pode ser redefinida como a teoria segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence

⁴ A ‘mineiridade’ se constituiu enquanto uma identidade regional legitimada. É um conceito amplamente utilizado, sobretudo como recurso político. Dulci (1999) apresenta três funções ideológicas à ideia da ‘mineiridade’. A primeira é “servir como uma ideologia da classe dominante”. A segunda é a de ajudar a legitimar o domínio das elites, na medida em que o restante da sociedade, ou parcela significativa da mesma, compartilha os valores e símbolos regionais. E a terceira é a de fortalecer os interesses do estado de Minas Gerais na arena nacional.

sempre a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer à força, em última instância (Bobbio, 1998, p. 385)

No caso da abordagem sobre região, aqui se refere sobremaneira ao entendimento de que é um conceito político, sendo, portanto, palco de lutas de diferentes agentes sociais, como os governamentais e empresariais na afirmação de projetos regionais. Nesse aspecto a ideia de região, aqui apontada, foge dos limites da ciência geográfica em seu aspecto físico e se vincula a ideia de região como arena política (Arrais, 2007).

Como um palco de lutas, as regiões são acontecimentos históricos, nos termos apresentado em Albuquerque Júnior (2008).

As regiões, portanto, não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir; as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produto de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional. Falar de região implica em reconhecer fronteiras, em fazer parte do jogo que define o dentro e o fora: implica em jogar o jogo do pertencimento e do não pertencimento (Albuquerque Júnior, 2008, p. 58)

Ressalta-se que o conceito de região é amplo e complexo, pois é explicado em diferentes áreas do saber, como apontou Bourdieu (2010). No caso do Vale do Jequitinhonha, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) dividiu o território de Minas Gerais em doze mesorregiões, entre elas o Jequitinhonha. Além do IBGE, outra instituição que regionalizou o território mineiro foi a Fundação João Pinheiro (FJP) que instituiu, em 1992, as Regiões de Planejamento que levaram em consideração a regionalização do IBGE em mesos e microrregiões, entre outros critérios. Esse trabalho não pretende discutir especificamente o conceito de região debatido, sobretudo, nas abordagens dos geógrafos, mas sim uma determinada representação de fronteira (Bourdieu, 2010) que esteve ligada a atuação do então deputado Murilo Badaró após a proposta de criação da Comissão de

Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (Codevale) em 1964. A Codevale é responsável por uma delimitação político-administrativa da região do Vale do Jequitinhonha.

Retomando a ideia de elites, é preciso atentar-se para o caráter multifacetado que configurou a elite mineira. Seus agentes acumularam funções e papéis ao longo do processo modernizador do estado. Nesse sentido, um mesmo agente social percorria diferentes espaços, como a política (enquanto exercício de mandato), o serviço público, o serviço na iniciativa privada, a representação de entidade de classe, os espaços de produção cultural etc.

Destaca-se que os espaços, principalmente políticos e de produção cultural, aqui serão apontados como campos, na perspectiva de Bourdieu (1983). De acordo com o autor:

os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços, podendo ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes (em partes determinadas por elas). [...] A estrutura do campo é um estado de relação de forças entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores (Bourdieu, 1983, p. 89-90)

Ainda de acordo com Bourdieu (1990) os campos são como “mundos”. Nesse sentido eles são plurais, com lógicas correspondentes, que constroem sentidos comuns, lugares-comuns. Dessa maneira, os campos são lugares de relações de força e de lutas que visam modificar a posição dos agentes ou conservá-la, para manutenção de práticas de dominação dos agentes dominantes, ou subversão, por parte dos agentes dominados.

Dulci (1999) em importante estudo sobre a recuperação econômica de Minas Gerais, na primeira metade do século XX, caracteriza as principais elites atuantes no estado, sendo a elite política e agrária (tradicionais) e a elite técnica e empresarial (modernas). Para o autor há, por parte de algumas personalidades, um trânsito entre posições de elite, que representa a polivalência como uma

característica presente na história de diversos expoentes, tanto da política, como do empresariado e da tecnoburocracia mineira.

No sentido apontado acima, este artigo interessa por um agente específico que tem vínculo com a elite política em Minas Gerais e que teve prestígio também a nível nacional, sendo dominante em diversos campos que transitou. Aqui será apresentado alguns aspectos da trajetória de Murilo Paulino Badaró, que se tornou, no decorrer da segunda metade do século XX, um representante regional do Vale do Jequitinhonha nas mais variadas funções que ocupou ao longo da sua carreira política e também no campo cultural.

Colocam-se algumas questões para enfoque mais específico, sobretudo considerando a ideia de representante regional (Bourdieu, 2010) que se explicita na figura de Murilo Badaró. Assim, são propostas duas perguntas principais, com objetivo de analisar a trajetória de Murilo Badaró com relação à região do Vale do Jequitinhonha. Na trajetória política de Murilo Badaró, o sobrenome familiar funciona como elemento de diferenciação? Murilo Badaró pode ser considerado da elite regional polivalente?

2. Murilo Badaró: uma trajetória de multinotabilidade ligada à representação do Vale do Jequitinhonha (MG)

Murilo Paulino Badaró nasceu em Minas Novas (MG) no dia 13 de setembro de 1931, filho de Francisco Badaró Júnior⁵ e de Gelcira Paulino Badaró, família tradicional na cidade, pois o sobrenome Badaró foi acumulando prestígio ao longo das relações de casamento entre membros da elite política e agrária local,

⁵ O pai de Murilo Badaró era médico, mas percorreu a política partidária, seguindo a linhagem familiar. Foi prefeito de Minas Novas (MG), município que foi controlado por décadas pelo avô e bisavô maternos e pelo pai. Foi também deputado estadual de Minas Gerais de 1927 até 1930. Em outubro de 1934, elegeu-se deputado à Assembleia Constituinte de Minas Gerais, nomeado por Getúlio Vargas e prefeito de Minas Novas até 1945. Foi deputado federal em 1963. Ainda neste ano, dirigiu o Departamento Nacional da Criança do Ministério da Educação e Cultura, e, de 1966 a 1970, o Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais, no governo de Israel Pinheiro. Faleceu em Belo Horizonte no dia 18 de janeiro de 1970 (CPDOC, 2023).

sendo uma força simbólica ligada à história, tanto da cidade, como de uma regionalização⁶ do Vale do Jequitinhonha.

De acordo com Horta (1986), em sua análise sobre as famílias governamentais de Minas Gerais, “o casamento era um laço a perpetuar a estrutura. Quem não era ‘homem bom’ e aspirava promover-se socialmente, teria forçosamente de casar-se em família de ‘homens bons’.” Dessa forma, observa-se na trajetória “dos Badaró” a ocorrência do indicado pelo autor citado acima, uma vez que é notória a tentativa constante da busca de prestígio para que se figurassem (ou continuassem) na sociedade de “homens bons”. Desde o casamento do trisavô de Murilo Badaró, vemos uma ligação de vínculos sempre com pessoas prestigiosas, sendo do campo político a principal delas.

No caso da família Badaró, a própria “história governamental” (Horta, 1986), a escolarização dos filhos e a trajetória na política já opera um princípio de distinção, estrutura, estruturante do *habitus* (Bourdieu, 1990). Em entrevista para a série ‘Memória e Poder’ da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG, 2002), o próprio Murilo Badaró indica que ele nasceu em uma “casa política” se referindo a seu pai, Francisco Badaró Júnior, e também ao avô⁷, bisavô⁸ e trisavô⁹. Ainda de acordo com ele, “a trama familiar em Minas Gerais sempre prevaleceu muito na política, sempre foi muito importante. Talvez não como um dado decisivo, mas como um dado formador de situações.” (ALMG, 2002). Nesse mesmo sentido, em

⁶ Murilo Badaró foi o proponente da lei que criou a Codevale, que marcou uma determinada caracterização regional do Vale do Jequitinhonha a partir da década de 1960.

⁷ Francisco Coelho Duarte Badaró (tinha o mesmo nome do avô, que foi o precursor do sobrenome Badaró). Foi Deputado Federal Constituinte (1891-1893), Senador Estadual (1919-1921) e Deputado Federal (1921). Foi ainda Promotor da comarca de Minas Novas, tendo sido provido para o cargo de Juiz de Direito em 21 de abril de 1885. De 1893 a 1894 exerceu a função de Ministro Plenipotenciário do Brasil (embaixador) no Vaticano. Foi ainda Senador Estadual (1919-1921) e Deputado Federal (1921), tendo feito parte da executiva do Partido Republicano Mineiro (PRM) (Alves, 2019).

⁸ Há poucas pesquisas que tratam sobre os dados biográficos de Justiniano Corsino Duarte Badaró. De acordo com a Prefeitura Municipal de Francisco Badaró (2023), ele era Coronel da Guarda Nacional. De acordo com Alves (2019), ele foi tenente e coletor de impostos. Em Ramalho (2018) há uma descrição como família de proprietário de terras e de políticos em Guarapiranga (MG).

⁹ Francisco Coelho Duarte Badaró. Foi Sargento-Mor e Comendador. Obteve cargos políticos no Império, como deputado da Assembleia Provincial nas legislaturas de 1838-1840; 1841-1842 e 1843-1845 (Alves, 2019).

documento publicado na ocasião do décimo aniversário da Codevale, Murilo Badaró já havia relatado:

Nasci no Alto Jequitinhonha. Para ser mais exato, em Minas Novas – origem de que me orgulho. Filho de político, criei-me em ambiente impregnado de política, onde os assuntos giravam em torno de problemas políticos, com todas suas variações, a meu ver a mais nobre forma de servir a Pátria (Badaró, 1984, p. 210)

Tanto na entrevista citada para a série ‘Memória e Poder’, como no documento em referência aos dez anos de criação da Codevale, Murilo Badaró se coloca como um político vocacionado. A trajetória da sua família teria sido responsável pela sua inclinação à política partidária. Nessa perspectiva, sua trajetória representa uma forma de utilização do patrimônio simbólico familiar (Grill, 2020). Toda uma herança simbólica é representada na figura do herdeiro político, que, a exemplo de Murilo Badaró, mantém uma narrativa organizada sobre seus antepassados próximos.

Além do casamento, a formação escolar era um elemento distintivo familiar entre os agentes sociais das elites no Vale do Jequitinhonha. O investimento familiar para que seus filhos alcançassem o nível de formação superior representava uma forma de perpetuação de poder, sobretudo no campo político. No caso de Murilo Badaró, sua formação superior ocorreu em Belo Horizonte, na capital do estado de Minas Gerais. Esse fato já é um indicativo da posição social privilegiada em relação à população regional, que, como apontado pela Codevale (1968), era o menor do estado e também do Brasil naquele período.

Dessa maneira, observa-se que a família Badaró faz parte do grupo de elite no Vale do Jequitinhonha que investiu na gradativa escolarização¹⁰ dos filhos, como forma de reprodução de poder e ajuste à nova realidade imposta pela mudança na conjuntura regional em meados do século XX, sobretudo pelo processo de modernização conservadora da antiga fazenda. Os filhos de políticos e fazendeiros,

¹⁰ Ressalta-se que a escolarização das elites não é novidade do período delimitado nessa pesquisa. Holanda (1995, p. 156-157), por exemplo, destacou no Brasil a procura por ascensão individual através do bacharelismo e das profissões liberais como “aliada a nossa formação colonial e agrária”. Ver Holanda (1995).

por exemplo, ingressam na elite técnica, pois acessando a formação acadêmica, pretensamente garantiam a reprodução social familiar na região. Nesse aspecto, Leite (2015) destaca que:

A oligarquia agrária teve que custear a formação dos seus filhos como parte da sua estratégia de reprodução, ainda que nesse processo a perspectiva assumida pelos mesmos pudesse se modificar a ponto de sugerir transformações que abalariam as condições em que se sustentava o poderio das suas próprias famílias (Leite, 2015, p. 342-343)

Ainda sobre alguns traços biográficos, destaca-se que Murilo Badaró tornou-se bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1955, sendo que, no período em que era estudante, participou da política estudantil como um dos fundadores da Frente Acadêmica Renovadora. Ainda nesse período ele foi membro da União Estadual dos Estudantes. Elegeu-se deputado estadual pelo PSD em 1958, na época o mais jovem parlamentar da Assembleia mineira (27 anos). Também era cantor de ópera, com pseudônimo de Ricardo Villas. Teve ainda intensa produção intelectual com diversas obras publicadas, entre elas, citam-se:

Posição dos Estados Membros na Constituição Brasileira, 1951; Intervenção do Estado na Vida Econômica, 1951; Foge o Mundo da Economia Liberal?, 1952; Elaboração Constitucional, 1952; Papel do Estado-Membro da Federação, 1952; O Problema de Energia Elétrica em Minas Gerais, 1952; As Três Dimensões de Santiago Dantas, 1952; Uma Nova Inconfidência Mineira, 1952; Em Busca da Verdade Partidária, 1952; A Verdade sobre Minas Gerais, 1952; Discriminação de Rendas, 1962; Protesto de uma Geração, (Discurso Parlamentar), 1964; Do Jequitinhonha ao Tennessee - estudo sobre a vida americana, 1967; Sintomas da Rebelião Política de Minas, 1968; Os Kennedy e a Nova Política do Brasil, 1968; A América Sombria Antes das Eleições, 1968; Reforma e Revolução – uma interpretação político-econômica da crise mineira, 1970; Memorial Político, 1976; Alma de Minas; O Bombardino; Vigésimo Mandato (crônicas); José Maria Alkmin (biografia); Gustavo Capanema, uma revolução na cultura (biografia); Milton Campos, um pensador liberal (biografia) (Câmara Dos Deputados, 2023)¹¹.

Como já indicado, Murilo Badaró ingressou na vida política em 1958, sempre ocupando funções públicas, seja por mandato eletivo ou por indicação (Tabela 1). Destacam-se: deputado estadual em Minas Gerais entre os anos de 1958

¹¹ Cita-se ainda a biografia de Olavo Bilac Pereira Pinto, que foi escrita por Murilo Badaró. “Bilac Pinto: o homem que salvou a república” (primeira edição 2010, editora Gryphus).

a 1967, deputado federal entre 1967 a 1979, senador de 1979 a 1984; ministro da indústria e comércio de 1984 a 1985, senador de 1985 a 1987. Ele também ocupou o cargo de vice-presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) entre os anos de 1987 a 1989. Destaca-se ainda sua trajetória como um importante agente do campo cultural, com participação em diversos meios de comunicação escrita¹², além de ter sido professor universitário (Centro Universitário de Brasília), fundador do Centro de Pesquisa e Estudos Mineiros¹³ e presidente da Academia Mineira de Letras por mais de dez anos.

Tabela 1. Resumo de mandatos e outros.

Murilo Paulino Badaró			
		Início	Fim
Ma nda tos	Dep. Estadual (MG)	1959	1963
	Dep. Estadual (MG)	1963	1967
	Dep. Federal (MG)	1967	1971
	Dep. Federal (MG)	1971	1975
	Dep. Federal (MG)	1975	1979
	Senador (MG)	1979	1987
	Prefeito de Minas Novas (MG)	2005	2007
Out ros	Secretário de Estado do Governo de Minas Gerais	1966	1966
	Ministro da Indústria e Comércio	1984	1985
	Vice-Presidente do BDMG	1987	1989
	Presidente da Academia Mineira de Letras	1998	2010

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de pesquisa em ALMG (2002), Câmara dos Deputados (2023) e Senado Federal (2023).

Murilo Badaró é parte da elite política de Minas Gerais que percorreu outras funções públicas fora do campo político-partidário, ainda que influenciado por ele. Teve intensa produção como agente da cultura e das artes mineiras, sobretudo pela sua obra literária, com destaque, como já mencionado, para as publicações biográficas. Nesse sentido pode-se caracterizá-lo em sua multinotabilidade (Grill, 2020).

¹² Foi colaborador do Jornal do Brasil, RJ e Hoje em Dia, Diário do Comércio e O Estado de Minas, MG, entre outros.

¹³ De acordo com Reis, Grill e Pereira (2020), Murilo Badaró, em 1996, fundou e foi o primeiro presidente do Centro de Pesquisa e Estudos Mineiros, instituição voltada para reconstituir a história política e cultural do estado.

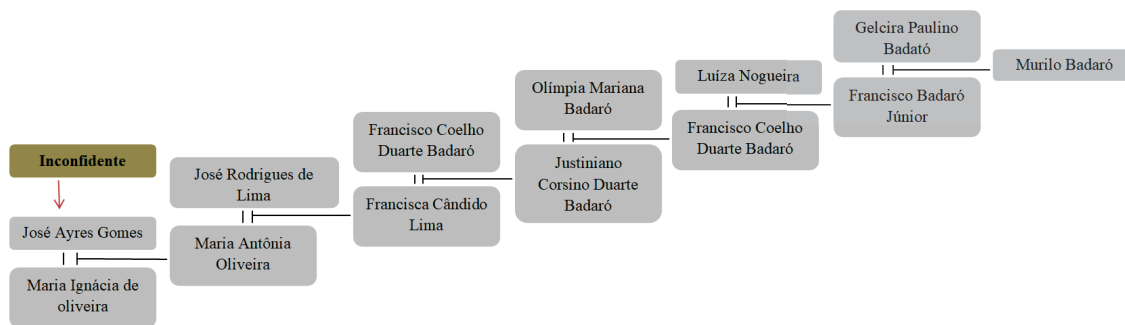
Com efeito, as *multinotabilidades* eram garantidas por lugares comuns de formação e laços de reciprocidade entre seus membros, reproduzidos por “herdeiros”, que acumulavam recursos sociais e políticos por intermédio de: casamentos; transmissão de competências no meio familiar; aprendizagens precoces em cargos; constituição de redes de clientelas via cargos políticos; e da passagem pelas faculdades de direito (em Minas Gerais) e de engenharia (no Rio de Janeiro), nas quais conquistavam não somente conhecimentos e habilidades, como também reforçavam os vínculos de amizade e com a parentela (Grill, 2020, p. 143)

Considerando a abordagem de Dulci (1999) e Grill (2020), entende-se que a polivalência de Murilo Badaró acontece, sobretudo, pela sua multinotabilidade que lhe garante um caráter de “diferença, separação, traço distintivo” (Bourdieu, 2011, p. 18). Ele era herdeiro do espólio político da família “dos Badaró” em Minas Novas. Dessa maneira, a família tem centralidade na trajetória de Murilo Badaró. Em relação à noção de família, para Bourdieu (2011) sua função

tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de transmissão entre as gerações: ela resguarda uma unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. Ela é o “sujeito” principal das estratégias de reprodução (Bourdieu, 2011, p. 131)

De acordo com Horta (1986) a família Badaró tem ligação com as “famílias governamentais de Minas Gerais”, pois o bisavô de Murilo Badaró se casou com uma descendente da família Ayres Gomes, família do inconfidente José Ayres Gomes e de João Gomes, proprietário de terras e fundador do município de Santos Dumont (MG). Ao pesquisar a genealogia familiar, pode-se fazer uma correção pontual na análise de Horta (1986), pois, de acordo com Alves (2019) e Ramalho (2018), foi o trisavô de Murilo Badaró que se casou com Francisca Cândido Lima, que era descendente da família Ayres Gomes. (Figura 1).

Figura 1. Diagrama Murilo Badaró



FONTE: Elaborado pelo autor a partir de pesquisa de Alves (2019) e Ramalho (2018).

De acordo com Grill (2020):

O sobrenome Badaró tem notabilidade no rol das “grandes famílias” que, desde o século XIX, demarcaram os padrões de acesso aos postos de poder político que prevaleceram ao longo da segunda metade do século XX, em Minas Gerais. A descrição desse caso traz à tona não apenas as imagens arraigadas das “heranças políticas” – associando-as a alinhamentos partidários entre os membros, notadamente via aproximações mais à direita no espectro político –, como também o peso das inscrições culturais e reconhecimentos intelectuais para a sua afirmação social (Grill, 2020, p. 144)

Destaca-se ainda que a atuação política de Murilo Badaró se manteve ligada com um discurso regionalista¹⁴ do Vale do Jequitinhonha, bem como vinculada à criação de uma representação sobre a região. Analisar sua trajetória é importante para, por ela, conhecer o que hoje se naturalizou como Vale do Jequitinhonha.

3. Considerações Finais

A genealogia da família Badaró, em especial pela linhagem da representação político-partidária, demonstra o uso dos espólios simbólicos por parte de agentes dedicados aos trabalhos político e intelectual, que constrói uma imagem coletiva de sua “família”. Murilo Badaró, nascendo em uma família de tradição na política, percorreu um caminho que, em certa medida, estava estruturado a partir da tradição

¹⁴ O regionalismo aqui é mencionado, sobretudo, a partir dos interesses políticos, como apontou Castro (2021, p. 48), ele deve ser entendido como uma mobilização política de grupos dominantes numa região em defesa de interesses específicos frente a outros grupos dominantes de outras regiões ou do próprio Estado. O regionalismo, portanto, é um conceito eminentemente político, vinculado, porém, aos interesses territoriais.

dos seus antecessores, sendo ele um herdeiro de um sobrenome que já operava como um sistema de diferenciação, com um legado que se reafirmou por meio dele.

A polivalência atribuída a Murilo Badaró, enquanto uma elite (aqui entendida como parte dominante dos campos pelos quais transitou), fundamenta-se ao que aqui foi caracterizado como multinotabilidade. A partir da atuação político-partidária, que pode ser considerada precoce, e pela própria tradição das elites, sobretudo na escolarização dos filhos, percebe-se que foi possível o trânsito por outros campos, além do político. Nota-se ainda na trajetória de Murilo Badaró a ocupação de diversos cargos de indicação, que lhe garantiram constante presença na política mineira e nacional, sempre carregando o discurso regionalista (do Vale do Jequitinhonha) como marca, uma vez que ele era natural de Minas Novas, uma cidade entre as fronteiras desta região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras, Revista de História**, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ALMG. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Memória e poder: Murilo Badaró**. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/tv-assembleia/videos/video?id=652589&tagLocalizacao=>. 2002. Acesso em: 11 jul. 2023.

ALVES, Débora Cristina. **Redes Clientelares, Sucessão e Herança em Guarapiranga – 1715 a 1820**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A região como arena política: um estudo sobre a produção da região urbana centro-goiano**. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

BADARÓ, Murilo. **Alma de Minas**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1984.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 385-391.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 107-132.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11 ed. Campinas: Papirus, 2011.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Murilo Badaró**: biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131598/biografia>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Terra Escrita, 2021.

CODEVALE (Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha). **Pré-diagnóstico do Vale do Jequitinhonha**. Biblioteca da Fundação João Pinheiro: Belo Horizonte, v. 1, 1968.

CPDOC. **Francisco Badaró Júnior**. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-badaro-junior>. Acesso em: 13 jul. 2023.

DULCI, Otávio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

GRILL, Igor Gastal. Bases sociais, representações e usos de espólios simbólicos em “famílias de políticos”. **Repocs**, v. 17, n. 33, jan./jun. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Novos tempos. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 155-167.

HORTA, Cid Rabelo. Famílias governamentais de Minas Gerais. **Revista Análise e Conjuntura - FJP**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 111-142, 1986.

LEITE, Ana Carolina Gonçalves. **O campesinato no vale do Jequitinhonha**: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista. 2015. 762 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BADARÓ. **Dossiê de tombamento do Senhor morto**. Disponível em <https://www.franciscobadaro.mg.gov.br/site/wp-content/uploads/2023/02/Dossiê-Tombamento-da-Imagem-do-Senhor-Morto.pdf>: Acesso em: 10 jul. 2023.

RAMALHO, Juliana Pereira. **Minas Novas:** um projeto de província nos sertões - povoamento e concentração fundiária na freguesia de São Pedro do Fanado (1834-1857). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

REIS, Eliana; GRILL, Igor Gastal; PEREIRA, Ariel. As “regiões” nas entrelinhas do trabalho político: bases sociais, investimentos intelectuais e carreiras parlamentares (MG, RS, PE e MA). **Revista TOMO**, n. 36, p. 267-320, 2020.

SENADO FEDERAL. **Senadores:** Murilo Badaró. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2135>. Acesso em: 10 jul. 2023.